



INCLUSÃO ESCOLAR DE UMA CRIANÇA COM TEA: UM ESTUDO DE CASO NA ESCOLA PAULO FREIRE¹

Autor: José Jean Torres da Silva Santos

Graduando do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Belém.

Coautora: Adriana do Socorro Fonseca Ribeiro

Graduanda do curso de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Belém.

Orientador: Genylton Odilon Rêgo da Rocha

Professor Doutor da Faculdade de Pedagogia da Universidade Federal do Pará, Campus Belém.

Universidade federal do Pará

Jeantrrs20@gmail.com

Adriana_ribeiro95@hotmail.com

genylton@gmail.com

RESUMO

Este estudo tem por objetivo fazer um relato de experiência e uma reflexão sobre a inclusão escolar na Escola Municipal de Ensino Fundamental Professor Paulo Freire, acompanhando a prática pedagógica de uma professora do quarto ano que tem um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA) lotado em sua turma, e se esse aluno consegue acompanhar a turma recebendo atividades adaptadas a ele, e como se dá a socialização do mesmo com a turma. Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre a inclusão escolar e o TEA para ter um embasamento teórico acerca do tema. Paralelamente foram realizadas observações participativas na sala de aula regular durante três dias na semana, por seis meses. Todas as observações foram registradas em um caderno de campo, foram analisados e selecionados registros que tiveram uma maior relevância no desenvolvimento e aprendizagem do aluno, esse processo foi efetuado por dois bolsistas do Projeto de extensão do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão – INCLUDERE, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID, pela Universidade Federal do Pará – UFPA. O tema foi escolhido a partir da necessidade de ser relatada a dificuldade que os professores e a escola têm em flexibilizar o currículo para realizar atividades adaptadas para alunos com deficiência, síndromes e transtornos. Com o fim dessas observações foi possível concluir que mesmo havendo a lei 9.394/96 que define que todos têm direito a educação, ainda existem barreiras que impossibilitam que alunos com alguma deficiência possam ter uma educação com equidade, mesmo diante dessas barreiras, conseguimos obter resultados positivos acerca do desenvolvimento escolar do aluno que acompanhamos.

Palavras-chave: Educação Inclusiva. Autismo. Escola.

Introdução

As discussões sobre educação inclusiva começaram a ganhar força ao longo dos anos 90, principalmente após a Conferência Mundial de Educação Especial, realizada em 1994 em Salamanca, na Espanha, onde foi criada a Declaração de Salamanca que visa uma educação para todos levando em consideração a especificidade de cada um, como reitera Beyer (2015) “A

¹ Projeto de extensão do Grupo de Estudos e Pesquisa sobre Currículo e Formação de Professores na Perspectiva da Inclusão – INCLUDERE – UFPA, do Programa Institucional de Bolsas de Iniciação à Docência – PIBID – CAPES – MEC.



educação inclusiva caracteriza-se como um novo princípio educacional, cujo conceito fundamental defende a heterogeneidade na classe escolar, como situação provocadora de interações entre crianças com situações pessoais as mais diversas". Na sala de aula é possível perceber a diversidade dos alunos, e se torna mais evidente no momento em que a turma recebe um aluno com deficiência.

Este trabalho tem por finalidade fazer um relato de experiência em uma escola de ensino fundamental com um aluno com Transtorno do Espectro Autista (TEA), na maioria dos casos pessoas com TEA apresentam algumas características, entre elas, isolamento, ações repetitivas, fala ecológica, a respeito do autismo Gracioli e Bianchi (2014) afirmam que "O autismo é um transtorno global do desenvolvimento que atinge os principais aspectos relacionais do indivíduo, podendo ser reconhecido pela seguinte tríade de comprometimento: comunicação, interação social e atividades restrito-repetitivas".

Tendo em vista, que as escolas deveriam ter um currículo adaptado para as crianças com deficiência, um currículo que deveria ser mais flexível às características e condições do aluno, porém algumas instituições escolares encontram várias dificuldades para realizar essa adaptação, essas dificuldades podem ser desencadeadas por vários fatores: a falta de uma formação continuada, a disponibilidade de tempo que o docente não possui, e a ideia errônea dos professores da sala regular de que os alunos com deficiência são apenas responsabilidade do AEE², como corrobora Romero e Souza (2008) "é comum ouvirmos as queixas dos docentes, pois não se sentem preparados para trabalhar com esse público, acreditam que é necessário ter formação de especialista".

Portanto, o objetivo desse trabalho é relatar a partir da observação participante de dois bolsistas PIBID na sala regular de ensino fundamental se foi possível realizar as adaptações no currículo escolar de um aluno, e como foi o seu progresso.

Material e Método

A metodologia utilizada para essa investigação foi a realização de um estudo de caso, com um aluno autista de 10 anos. Foi realizado um levantamento bibliográfico sobre educação inclusiva e TEA, e utilizado a técnica de observação participante durante seis meses. Essa técnica é essencial em nossa pesquisa, pois podemos ficar em contato direto com a professora e a turma como um todo, e poder analisar de perto as suas dificuldades em sala de aula, segundo Correia (2009) "A

² Atendimento Educacional Especializado



Observação Participante é realizada em contato direto, frequente e prolongado do investigador, com os atores sociais, nos seus contextos culturais, sendo o próprio investigador instrumento de pesquisa”. E essa análise foi registrada em caderno de campo, foi discutido e selecionado algumas partes para serem relatadas neste artigo.

Resultados e Discussões

Começamos o nosso trabalho como bolsistas PIBID em agosto de 2016, através do grupo de pesquisa INCLUDERE, fomos designados a ir para a Escola Paulo Freire, para ficar em uma turma que tem um aluno com transtorno, onde deveríamos auxiliar a professora e fazer adaptações das atividades para ele.

Fomos lotados em uma turma do 4º ano do ensino fundamental, e nesta turma havia um aluno com TEA, diferente de uma das principais características como ressaltam Teodoro, Godinho e Hachimine (2016) “O Transtorno de Espectro Autista (TEA) possui como principais características a dificuldade de comunicação social e comportamentos repetitivos, suas principais manifestações aparecem antes dos primeiros três anos de vida”. O aluno consegue interagir com seus amigos da turma e os funcionários da escola. A partir do processo de observação foi possível identificar que o aluno possuía uma fala ecológica, não sabia distinguir letras maiúsculas e minúsculas, tinha muita dificuldade na interpretação de texto, também fazia uma leitura silábica e tinha dificuldade nas contas de somar e subtrair, o aluno é bom em matemática quando utilizado material concreto, tem boa memória, sabe desenhar, gosta de música. Também foi possível verificar que a professora não tentava de nenhuma forma adaptar o seu material para o aluno.

Diante disso, tentamos melhorar o desempenho do aluno em sala de aula, através de adaptações como na matéria de matemática, que utilizamos o ábaco para que ele pudesse ter uma noção de perda e ganho de uma forma mais concreta. Em português, por ele ter uma grande dificuldade em escrever o que entendeu sobre algum texto, como o aluno adora desenhar, optamos pelo desenho para que ele conseguisse interpretar os textos lidos em sala de aula. E também iniciamos o trabalho com as letras do alfabeto, maiúsculas e minúsculas, para ele fazer a distinção.

Durante seis meses essas atividades foram realizadas três vezes na semana em sala de aula, e ao longo desse tempo foi possível ver que ele teve um grande progresso nas matérias que ele tinha dificuldade, porém ao nos deparar com uma situação complicada em que fomos avisados que o aluno faria uma prova que é aplicada em todas as escolas municipais de Belém, e um dos itens



dessa prova seria produzir um texto a partir de algumas imagens. Chegou o dia da prova e tivemos que continuar o nosso trabalho de meses, adaptando a produção textual do aluno para desenhos, mesmo sabendo que ele seria avaliado de uma forma negativa por não haver uma flexibilização na avaliação dessa prova, então escolhemos o que seria melhor para o aluno neste momento.

A escola Paulo Freire ainda caminha com passos lentos na questão sobre inclusão, o que dá a entender que o corpo docente ainda tem dificuldades de compreender que a inclusão de alunos com deficiência acontece em todos os âmbitos da escola e não somente no AEE.

Conclusão

Concluimos que o debate sobre inclusão mesmo tendo ganhado força nas últimas décadas, ainda há grandes dificuldades das escolas em criar um currículo mais flexível que atenda às necessidades educacionais de alunos com deficiência, síndromes e transtornos. Mesmo com essas dificuldades identificadas na Escola Paulo Freire, o aluno teve um maior rendimento a partir do momento em que os bolsistas começaram a intervir em suas atividades, proporcionando ao mesmo uma educação com equidade, levando em consideração as suas especificidades e suas potencialidades.

Esses seis meses foram de suma importância tanto para o aluno quanto para nós bolsistas, pois foi possível ver o progresso do aluno a partir do nosso trabalho interventivo, proporcionando assim um aperfeiçoamento em nossa prática pedagógica.

Referências

BAPTISTA, Claudio Roberto (Org.). **Inclusão e escolarização: múltiplas perspectiva.**- 2.ed.- Porto Alegre: Mediação, 2015.

BRASIL, Lei de Diretrizes e Bases da Educação (1996). **Lei de Diretrizes e Bases da Educação:** Lei nº 9394/96, de 20 de dezembro de 1996.

CORREIA, Maria da Conceição Batista. **A Observação participante enquanto técnica de investigação.** Pensar Enfermagem Vol. 13 N.º 2 2º Semestre de 2009. Disponível em: <http://pensarenfermagem.esel.pt/files/2009_13_2_30-36.pdf>. Acesso em: 23/09/2017.

DECLARAÇÃO DE SALAMANCA: **Sobre Princípios, Políticas e Práticas na Área das Necessidades Educativas Especiais**, 1994, Salamanca-Espanha.



GRACIOLI, Maria Madalena; BIANCHI, Rafaela Cristina. **EDUCAÇÃO DO AUTISTA NO ENSINO REGULAR: UM DESAFIO À PRÁTICA PEDAGÓGICA**. Nucleus, v.11, n.2, out.2014.

Disponível em: <<http://www.nucleus.feituverava.com.br/index.php/nucleus/article/view/989/1668>>.

Acesso em: 26/09/2017.

ROMERO, Rosana Aparecida Silva; SOUZA, Sirleine Brandão de. **Educação inclusiva: alguns marcos históricos que produziram a educação atual**,2008. Disponível em:

<http://www.pucpr.br/eventos/educere/educere2008/anais/pdf/447_408.pdf>. Acesso em:

23/09/2017.